

# Emerson, um cidadão





*Técnico do MPF dedicou 35 dos seus 75 anos ao serviço público e presenciou momentos decisivos da história*



Emerson Parente no jardim da casa da mãe, no Guará: "Ando de cabeça erguida"

ARTHUR MONTEIRO

## Carlos Tavares

“**E**u lhe dou um mercedes zero quilômetro ou o que o senhor quiser, se me arranjar uma cópia daquele processo sobre a companhia de pneus”, disse o sujeito de terno e gravata. O homem do outro lado da mesa não demonstrou surpresa. Apenas sorriu cordialmente e pediu licença para pegar um café, conversariam com mais calma sobre o assunto.

Não demorou mais do que um minuto e os dois estavam de volta ao assunto da companhia de pneus.

“Sim, mas o senhor dizia...” lembrou o servidor do Ministério da Justiça, sempre com um sorriso afável.

“Isso mesmo, dou um mercedes zero, pois a nossa companhia é muito poderosa, não se preocupe, ficará tudo entre nós.”

A tal companhia de pneus estava prestes a ser multada no que hoje corresponderia a três milhões de reais, por abuso de poder econômico. O servidor do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) esperou que o desconhecido, um advogado da empresa, terminasse o café e pediu licença para ir ao banheiro.

“Peguei o telefone, liguei para a Polícia Federal, que era perto de onde eu trabalhava, e ele saiu de lá algemado”. Assim Emerson Barreira Parente conclui um dos episódios sacados de prodigiosa memória. O técnico administrativo aposentado pelo Ministério Público Federal (MPF) dedicou 35 dos seus 75 anos de idade ao serviço público.

“Prefiro ganhar um salário-mínimo, mas honestamente, desde que possa manter a cabeça erguida”, diz, orgulhoso de sua própria honra, com a qual atravessou os anos de ouro da era do rádio e do presidente bossa nova, Juscelino Kubitschek, e os chamados anos de chumbo da ditadura militar. Uma das características de sua personalidade é dizer não sem titubear para coisas erradas. Emerson Parente passou boa parte da vida de servidor trabalhando com figuras ilustres da velha república, como Tristão Ferreira da Cunha – avô do governador de Minas, Aécio Neves –, o próprio Tancredo Neves, Sepúlveda Pertence, Petrônio Portella, Jarbas Passarinho e Ibrahim Abi Ackel.

Nascido em Gilbués, sul do Piauí, ele chegou ao Rio de Janeiro para servir ao Exército mal havia completado 19 anos, em 1954. Mas Emerson sabia o que desejava da vida, o Exército era apenas um bom motivo para voltar a estudar e a trabalhar. Das casernas ele sairia pronto para exercer outras atividades; foi assim que se tornou funcionário público, sempre trabalhando no Cade e outros órgãos vinculados ao Ministério da Justiça.

“Na época havia muitos problemas com cervejarias e companhias de pneus; os processos eram todos de abuso de poder econômico”, comenta o aposentado, que é fundador do Sindjus e representante dos aposentados no sindicato. “Hoje eu conto essas coisas porque não há mais o que esconder. Afinal, estamos em uma democracia”, afirma, com um ar de desabafo. Quando se pergunta se ele apoiava os militares, afirma que, por um lado, em termos de combate à corrupção, o país necessitava passar por algumas mudanças. “Mas nunca concordei com a violência e a perseguição. Muito menos com a tortura”, declara.

Corrupção e abuso de poder econômico são expressões do vocabulário brasileiro que atravessaram os tempos e soam aos ouvidos de Emerson como eco de uma batalha que ele jamais deixará de travar. Como exemplo de sua postura de fiscal das leis, como ele mesmo se auto-intitula, certa vez um ministro da Justiça nomeou um genro para ser chefe do Setor de Pesquisas Econômicas do Cade; mas este genro, português expulso de seu país por ocupar cargo público e cometer atos de corrupção, também foi desmascarado no Brasil ao tentar fazer acordos espúrios com empresários e autoridades envolvidos com contrabando de pedras preciosas.

Sobre as transformações pelas quais o Brasil passou, ele acredita que a sociedade mudou muito e para melhor, ao contrário do político, que ainda precisa ser moldado para exercer o papel de homem público com seriedade e respeito pelo povo brasileiro. “Também falta valorizar mais o servidor público. As coisas melhoraram para nós, mas ainda falta muito para esse reconhecimento”, afirma Emerson, que aponta, entre as suas insatisfa-

ções com a política e o Judiciário, o excesso de leis no Brasil. Em relação à política, a permanência de certos vícios do passado, como o nepotismo, o desvio de verbas públicas e vantagens às quais apenas os controladores do poder têm acesso.

Quando ouvi falar no nome do senador José Sarney, presidente do Congresso Nacional, ele ri e narra um fato especial em sua trajetória de vida. “Eu vivia fazendo lobby no Congresso, mas em defesa de associações de moradores de bairros, de aposentados. Quando houve a enchente

de Santa Teresa (bairro carioca que Emerson adotou como segunda terra e que ama de coração), porque choveu muito e o arroio Dilúvio transbordou, eu comande um movimento de moradores que perderam tudo com a cheia”, lembra o aposentado. Esse movimento, que Emerson chama de lobby, em busca de apoio político no Congresso para que fosse liberado o FGTS dos que estavam desabrigados, custou a ele um pequeno embeate com o senador maranhense.

Sarney era contra a liberação da ver-

ba e Emerson, inconformado, fez tanta pressão com outros deputados e senadores que apoiavam a causa que Sarney mandou um recado a ele, dizendo que o servidor estava incomodando muito a Casa. Emerson mandou o mesmo emissário responder que, se ele estava causando desconforto nos salões do Congresso, pior era Sarney, que estava incomodando o país inteiro. “Ele então acabou aprovando a liberação dos recursos e eu tive a oportunidade de agradecer pelo apoio”, conta, rindo.

## Testemunha ocular da história

A trajetória de trabalho de Emerson Barreira Parente começa ainda na infância, quando ele já demonstrava um especial pendor para interferir no destino das pessoas. Foi assim que ele mudou a vida de sua família, ao encontrar nove diamantes, um deles de quatro quilates, em um garimpo no Rio Uruçuí Vermelho, perto de Gilbués, no extremo-sul do Piauí.

Emerson não contava mais de doze anos quando acompanhou o pai, Manoel Holanda Parente, e um tio ao garimpo pela primeira vez. Por acaso, ou movido pela curiosidade de menino, distanciou-se dos mais velhos e foi trabalhar em outro ponto. Para sua surpresa, que mais brincava do que garimpava de verdade, as pedras foram surgindo diante de seus olhos a cada lavagem do cascalho na beira do rio.

Quando viu que eram diamantes, correu e contou ao pai. Com o dinheiro da venda dos diamantes, o pai de Emerson aumentou suas lavouras, dobrou a produção de aguardente de alambique e pôde comprar mais terras para acrescentar às que já possuía. Daí em diante, porém, o menino foi proibido de frequentar o garimpo, mas insistiu em ir e a desobediência quase lhe custou a vida: “Escapei por milagre, na Mina de São Dimas. Fiquei horas soterrado porque uma parte do túnel cedeu. De repente, uma barreira se abriu e eu pude sair, todo sujo de lama.”

Já com planos de ir embora para o Rio de Janeiro, Emerson foi frentista de um posto de combustíveis em Teresina,

cujo dono era um de seus tios. Também foi gerente do posto; tinha menos de 18 anos, mas já era talhado desde cedo para encarar responsabilidades e tarefas de cidadão. O tio, ao ver que o garoto dava certo no trabalho, passou a confiar a ele todos os negócios e aproveitava a situação para se divertir na noite de Teresina.

Mas chegou o dia em que o filho de dona Altair Parente, hoje com 101 anos, partiu para a cidade maravilhosa. Ele já estava com tudo pronto; suas economias e a ajuda de um outro tio foram suficientes para comprar uma passagem na Real Aerovias Brasil, por três mil cruzeiros, e desembarcar na capital do país no dia 9 de setembro de 1954, ainda abalada pelo suicídio de Getúlio Vargas, na madrugada de 24 de agosto. Emerson iria ver o país ser engolfado por sucessivas crises nos próximos dez anos, até o golpe de 1964 e a instalação do regime militar.

Porém, antes de respirar o que se chamou de anos de chumbo, ele viveu, em parte, os anos dourados. Viu Juscelino Kubitschek assumir o comando do país com idéias modernas e promessas de mudar a história. O próprio clima da década de 50 transpirava mudanças de comportamento e prenunciava a era tecnológica da comunicação e dos grandes empreendimentos no setor petrolífero e na indústria automobilística. Getúlio havia criado a Petrobras em 1953 e JK já tinha em seus planos a construção de uma nova

capital. Emerson assistiu aos primeiros programas de TV no Brasil, da Tupi, fundada por Assis Chateaubriand. Na época, vibrava nas emissoras a voz de Dick Farney cantando *Copacabana*, *Marina*, *Teresa da Praia* e *Alguém como Tu*, entre outros hits.

Como jovem imigrante do Piauí que aterrissou na capital carioca em meio ao burburinho político e cultural da época, Emerson refugiou-se no alistamento militar, recomendado por um tio general, para dar os primeiros passos na nova vida. Logo foi transferido de uma unidade onde não gostava do que fazia, na Quinta da Boa Vista, para o 8º Grupo de Artilharia de Costa Motorizada, na Gávea. Essa insistência do jovem em mudar de base militar custou-lhe um esfregão do coronel que comandava aquele quartel: “Ouvi dizer que você está falando em ir para outra divisão. Pois bem, enquanto eu estiver aqui, você vai continuar nesta unidade. E estamos conversados”, gritou o coronel, na frente de outros militares, no clube da corporação. Emerson ouviu calado, mas no dia seguinte apareceu diante do mesmo coronel, ainda resabiado, porém disposto a enfrentar o superior. Levava em mãos um ofício de transferência para a Gávea assinado pelo tio, general de Agulhas Negras. O coronel, entre assustado, surpreso e revoltado, olhou a assinatura e imediatamente mudou de postura, sorrindo: “Por que você não disse logo que era sobrinho do general Parente, rapaz?”



# Presidente seresteiro

Há muitos nomes de pessoas ilustres que Emerson cita com orgulho por ter trabalhado com eles e por eles ter sido ajudado também. É o caso de Tancredo Neves, que o apresentou a JK e a quem indiretamente também serviu como técnico-administrativo do MPF, ainda no Rio de Janeiro e, por pouco tempo, em Brasília. Dessa época, entre 1964 e 1968, Emerson guarda verdadeiras preciosidades na memória, além de uma lembrança material do tempo em que conviveu com JK. Trata-se de uma raridade que poucos colecionadores ostentam – o LP *JK em Serenata*, em 33 rotações, editado pela gravadora Bemol, de Belo Horizonte, numa tiragem de apenas mil exemplares. O de Emerson está autografado pelo construtor de Brasília.

O disco foi gravado com o grupo Seresteiros de Diamantina, com uma mensagem de JK e dois números cantados pelo próprio presidente. “Chamavam JK de presidente bossa nova, mas ele gostava mesmo era de seresta. Ele era seresteiro e gostava de fazer serenatas”, recorda Emerson. O disco, lançado em meados de 1968, logo foi recolhido das lojas, com a publicação do AI-5 em dezembro. “Junto com ele, o próprio presidente foi recolhido”, diz Emerson, referindo-se à prisão de JK em um quartel em Niterói e em seguida no próprio apartamento, onde viveu sob prisão domiciliar por um mês. Enfim, o que seria o primeiro grande sucesso da Bemol acabou provocando a falência da gravadora.

“É muita coisa, muita coisa”, diz Emerson, concentrando-se em algum ponto desses tempos de amargura para extrair algo ainda que seja pitoresco ou bem-humorado. “Não gosto de tristeza, gosto da vida”, afirma e narra um de seus episódios preferidos, ao ser indagado sobre o Comício dos Cem Mil, a morte do estudante Edson Luís, no restaurante Calabouço e outras cenas sombrias que o país assistiria naquele ano de



ARTHUR MONTEIRO

Com o disco autografado por JK: “Ele gostava mesmo era de seresta”

1968. “Eu vi os cavalos e a polícia invadirem a Candelária, a praça da Assembléia, durante a Passeata dos Cem Mil, em resposta à morte do estudante. Naquele dia o Rio parou”, recorda.

Para se proteger da confusão, Emerson procurou refúgio atrás de uma banca de revistas; ao olhar para o lado, para o tronco de uma árvore, viu um saco de bolas de gude. Lá em cima, escondido entre os galhos e folhas, estava o líder estudantil e futuro deputado federal Vladimir Palmeira. “Ele fez sinal para eu ficar quieto e pediu, bem baixinho, que eu guardasse o saco de bolas de gude”, conta. Mais tarde as bolinhas foram usadas para

derrubar cavalos e impedir que a polícia batesse nos estudantes, conta Parente.

Do final dos anos 70 aos dias de hoje, Emerson integrou-se ao clima de otimismo da Nova República e passou a saudar a democracia como “o maior tesouro brasileiro”. Sobre a juventude, ele diz que “é preciso ter cuidado, as drogas estão matando esses meninos. É preciso muita orientação, em casa e na escola, senão vai ser um desastre”, adverte o nordestino de fibra que aprendeu a garimpar a vida e o futuro nas minas e nas lavouras de seu pai. “Não tenho do que me queixar. Sempre olhei um passo à frente. Tenho a certeza de que servi ao meu país.”